

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

A escolha entre o amor, o poder e a liberdade.

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

Sinopse

"Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada" é um romance umbandista ambientado em Goiânia/GO, que narra a jornada de autodescoberta de Mariana, uma jovem que se vê dividida entre seu amor por Rafael e sua crescente conexão com a espiritualidade. A trama se desenrola através de diversos bairros da cidade, cada um revelando diferentes facetas da Umbanda e da vida de Mariana. A história começa no Setor Central, onde Mariana recebe o chamado de Maria Mulambo, uma entidade que representa a força das encruzilhadas na vida. Ao longo dos capítulos, ela mergulha em rituais, aprende sobre suas raízes espirituais e enfrenta dilemas emocionais, incluindo o primeiro amor e os desafios familiares de Rafael, que guarda segredos que podem ameaçar o relacionamento deles.

Conforme Mariana explora os ensinamentos de Dona Celeste e participa de importantes rituais em diversos terreiros, ela também se depara com suas próprias inseguranças e conflitos internos. Cada capítulo apresenta um bairro diferente de Goiânia, trazendo à luz a cultura local, os costumes e a rica diversidade da Umbanda. Personagens como Jurema e Pedro, que surgem ao longo da narrativa, acrescentam camadas à história, mostrando a força das relações humanas e das tradições que moldam a vida de cada um. O romance entre Mariana e Rafael é testado por pressões externas e a busca por liberdade pessoal, levando os dois a questionar até onde estão dispostos a ir por amor. Em uma jornada que mescla magia, misticismo e emoções humanas profundas, "Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada" explora a luta entre o que o

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

coração deseja e o que o destino reserva, culminando em escolhas que moldarão suas vidas para sempre.

Com um tom envolvente e descritivo, a obra busca não apenas entreter, mas também convidar os leitores a refletirem sobre suas próprias encruzilhadas, a força da espiritualidade e a complexidade das relações humanas.

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada



Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

Capítulo 1: Setor Central - O Chamado de Maria Mulambo

O som contínuo dos passos apressados no Setor Central de Goiânia era abafado pelas vozes que ecoavam entre as antigas construções. A movimentação frenética das pessoas contrastava com a sensação de imobilidade que Mariana carregava por dentro. Ela caminhava sem rumo definido, os pensamentos perdidos, mas sempre com a estranha impressão de que algo a observava das sombras. Os pesados edifícios ao redor, muitos deles marcados pelo tempo, refletiam a história da cidade, mas naquele dia, refletiam também algo mais profundo que a acompanhava silenciosamente: o chamado.

Há semanas, Mariana era atormentada por sonhos perturbadores. Em todas as noites, uma figura feminina aparecia diante dela, envolta em trapos, com olhos intensos e uma voz que sussurrava segredos que ela ainda não conseguia compreender. Essa mulher, que ela sabia ser Maria Mulambo, surgia sempre em uma encruzilhada, rodeada por oferendas deixadas aos pés de uma estátua desgastada pelo tempo. Mariana não conseguia entender o motivo de sua presença nesses sonhos, mas uma coisa era clara: aquele não era apenas um sonho comum. Era um convite.

Enquanto ela seguia pelo centro da cidade, seus olhos percorriam as lojas antigas, os vendedores ambulantes oferecendo seus produtos e os transeuntes que se esbarravam nas esquinas. Tudo parecia normal, mas havia algo na atmosfera daquela manhã que trazia um peso quase palpável. Era como se cada rua que cruzava estivesse a empurrando para um destino que ela não conseguia evitar. Mariana sentiu o ar vibrar de forma diferente, como se o tecido invisível que ligava o mundo físico ao espiritual estivesse se estreitando.

Ao chegar em uma pequena praça cercada por edifícios decadentes, algo a fez parar. O som da cidade parecia se distanciar aos poucos, e a leve brisa, que antes era quente e abafada, tornou-

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

se fria e densa. Ali, naquele ponto exato, ela soube que havia encontrado o lugar. A encruzilhada estava diante dela. Não era como nas ruas movimentadas onde o fluxo de carros e pessoas decidia seu caminho. Era uma encruzilhada silenciosa, onde as escolhas tinham peso e as decisões eram permanentes.

Mariana fechou os olhos por um instante, sentindo o pulsar daquela terra sob seus pés. Foi quando uma voz suave, mas firme, ecoou em sua mente: "*Você sabe quem eu sou.*" Ela abriu os olhos de repente, como se tivesse sido puxada de um transe, e olhou ao redor. Não havia ninguém por perto. Apenas o vento, que soprava gentilmente, como se carregasse segredos antigos de um tempo esquecido.

A mente de Mariana começou a vagar por suas memórias. Desde criança, sempre se sentira diferente, conectada de uma forma inexplicável ao mundo invisível, mas sua educação rígida e sua família cética sempre a fizeram negar esses sentimentos. Agora, tudo parecia inevitável. Maria Mulambo não era apenas uma figura mística. Era um elo com algo muito maior, algo que Mariana estava destinada a entender.

Enquanto ela permanecia parada na encruzilhada, o céu, antes límpido, começou a se encobrir com nuvens densas e escuras. Não era um sinal de tempestade, mas sim um aviso, uma mudança no ar que refletia o que estava por vir. A luz que escapava pelas nuvens parecia mais fraca, mas ainda assim iluminava a cidade de uma maneira quase espectral. O concreto desgastado do chão parecia vibrar levemente, como se a própria terra estivesse sussurrando histórias antigas e esquecidas.

Mariana sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Ela sabia que aquele lugar era especial. Um ponto de convergência, onde o físico e o espiritual se encontravam, e onde as escolhas poderiam mudar o rumo de sua vida para sempre. As encruzilhadas não são apenas um cruzamento de caminhos; são portas para o desconhecido, lugares onde a alma pode se perder ou se encontrar.

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

Quando finalmente decidi se mover, seus pés a levaram até uma pequena banca de jornal, envelhecida, cujas folhas de revista viravam com o vento. O dono, um homem de idade avançada, olhou para ela com uma expressão séria, quase como se soubesse o que ela estava passando. Ele não disse uma palavra, mas seus olhos falaram muito. Mariana sentiu um peso em seu peito, mas também uma estranha sensação de conforto. Talvez, assim como ela, ele também entendesse os mistérios que Goiânia escondia.

Ela agradeceu silenciosamente e continuou a caminhar, agora ciente de que sua jornada apenas começara. As respostas que buscava não estariam em um lugar óbvio, mas nas entrelinhas, nos becos e ruas que a cidade guardava como segredos. Cada esquina, cada prédio parecia guardar um fragmento da verdade que ela precisava encontrar.

O chamado de Maria Mulambo não era apenas um apelo espiritual; era um convite para Mariana se redescobrir, para mergulhar nas profundezas de sua própria alma. Ela estava pronta para seguir esse caminho, mesmo que isso significasse confrontar tudo o que conhecia e todas as suas certezas. O centro da cidade de Goiânia nunca mais seria o mesmo para ela.

Capítulo 2: Campinas - Raízes Antigas

Mariana desembarcou em Campinas no fim da tarde, com o bairro fervilhando de vida. As ruas estreitas, cobertas de paralelepípedos irregulares, carregavam o peso das gerações que por ali passaram. Lojas antigas, com fachadas desgastadas pelo tempo, conviviam com novos comércios, trazendo um contraste entre o passado e o presente, assim como o que ela mesma sentia dentro de si. A sensação de estar conectada com algo ancestral, algo que pulsava por baixo das calçadas, a acompanhava enquanto seus olhos percorriam o cenário.

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

Dona Celeste vivia em uma casa antiga, pintada de um tom desbotado de azul, com janelas de madeira e cortinas brancas que balançavam suavemente ao vento. O bairro de Campinas era um dos mais antigos de Goiânia, e ali, as histórias pareciam mais densas, mais carregadas de mistério e tradição. Mariana sentiu um arrepio ao se aproximar da porta da mãe de santo. Era como se aquele lugar, simples em aparência, fosse um portal para algo muito maior.

Ela bateu três vezes na porta, um som oco e firme que ressoou no silêncio repentino da rua. Quase imediatamente, uma voz rouca e firme veio de dentro, pedindo que ela entrasse. Ao empurrar a porta, um cheiro de incenso misturado com ervas tomou conta do ambiente, e Mariana soube que havia chegado ao lugar certo.

Dona Celeste estava sentada em uma cadeira de madeira escura, de frente para uma mesa coberta por panos coloridos, velas acesas e objetos ritualísticos que pareciam carregar décadas de energia acumulada. O rosto dela, marcado pelas rugas do tempo, refletia uma sabedoria que só aqueles que viveram muito poderiam carregar. Seus olhos, embora pequenos e semicerrados, brilhavam com uma intensidade que desarmava qualquer visitante.

— Eu sabia que você viria — disse Dona Celeste, sem rodeios, com um leve sorriso no rosto. — Maria Mulambo falou de você.

Mariana sentiu o impacto dessas palavras. Embora não fosse uma surpresa completa, ouvir aquilo da boca da mãe de santo fez com que tudo ficasse ainda mais real. Ela sentou-se em silêncio, observando cada detalhe do lugar: as paredes cobertas por quadros de santos, imagens de Exús e Pombagiras, e os potes de barro cheios de ervas e misturas que ela não reconhecia. A sala parecia viva, respirando junto com cada movimento de Dona Celeste.

— Maria Mulambo te escolheu, minha filha. E você já sabe disso. O que você não sabe é o porquê. — Celeste continuou enquanto preparava uma infusão de ervas em uma pequena chaleira de

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

metal. O cheiro fresco de folhas amassadas invadiu o espaço, misturando-se ao incenso que queimava no canto da sala.

Mariana não sabia como responder. As palavras escapavam dela, e tudo o que conseguia fazer era observar a serenidade com que Celeste falava de Maria Mulambo, como se fosse alguém que a conhecesse pessoalmente, alguém que frequentava sua casa com regularidade.

— Você sabe o que é uma encruzilhada? — perguntou a mãe de santo, seus olhos agora fixos em Mariana. — Não estou falando só daquele cruzamento de estradas. Estou falando de escolhas. De destinos que se encontram. A encruzilhada é onde tudo acontece, onde você pode se perder ou se achar.

Aquelas palavras ecoaram profundamente na mente de Mariana. Ela lembrou-se da visão repetitiva em seus sonhos: a encruzilhada onde Maria Mulambo a esperava. Agora, tudo parecia fazer sentido, mas também trazia uma sensação de responsabilidade que pesava em seus ombros.

— Maria Mulambo é força. É poder, mas não o poder que a gente vê por aí, nas coisas materiais. É um poder que vem da resistência, da resiliência — continuou Dona Celeste, enquanto servia a infusão em xícaras simples. — Ela carrega nas costas todas as dores do mundo, mas não se curva diante delas. Ela é a senhora das encruzilhadas porque entende o que significa escolher, o que significa enfrentar o que vem depois.

Mariana tomou um gole do chá, sentindo o calor da bebida descer pela garganta, mas também uma sensação de calma invadir seu corpo. Era como se, de alguma forma, as palavras de Dona Celeste começassem a criar raízes dentro dela, firmando-se em algo que sempre esteve ali, mas que ela nunca havia percebido.

— As pessoas têm medo de Maria Mulambo porque ela não pede licença pra entrar. Ela chega quando é preciso, quando a escolha precisa ser feita. E, muitas vezes, essas escolhas não são fáceis. — A mãe de santo levantou-se e pegou uma pequena boneca feita de

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

panos, amarrada com fitas vermelhas e pretas, colocando-a diante de Mariana. — Essa é sua oferenda. Você vai levar para a encruzilhada quando estiver pronta. Mas não pense que é só entregar e pronto. A oferenda é sua intenção. Você vai precisar entender o que está oferecendo, porque isso vai definir seu caminho daqui pra frente.

Mariana olhou para a boneca com reverência. Era simples, mas carregava uma energia palpável. Sentiu o peso do que Dona Celeste havia dito. Aquela oferenda não era só um ritual; era o reflexo de algo muito maior, uma conexão direta com o espírito de Maria Mulambo.

Enquanto os minutos passavam, Mariana e Dona Celeste continuaram conversando sobre a natureza das encruzilhadas, da força de Maria Mulambo e de como sua influência se estendia além do que muitos poderiam imaginar. A conversa fluía como um rio calmo, mas carregado de profundidade, e Mariana se via absorvendo cada palavra, cada ensinamento, como se estivesse sendo preparada para algo grandioso.

Quando finalmente se levantou para ir embora, a noite já havia caído sobre o bairro de Campinas. As ruas, que antes pareciam tão agitadas, agora estavam silenciosas, iluminadas apenas pelos postes antigos e pelas luzes das casas ao redor. Mariana segurava a boneca de panos com cuidado, sentindo o peso simbólico do objeto. Enquanto caminhava em direção à encruzilhada que a aguardava, sabia que sua vida nunca mais seria a mesma.

Naquele momento, não havia mais dúvidas. Maria Mulambo não era apenas uma figura misteriosa em seus sonhos. Era uma presença viva, que a guiaria nas encruzilhadas da vida.

Maria Mulambo: Deusa da Encruzilhada

Capítulo 3: Setor Oeste – O Primeiro Amor

O Parque Lago das Rosas estava envolto em uma leve neblina de fim de tarde, o vento suave brincando com as folhas das árvores, criando um sussurro que se misturava com o som de um violão ao longe. Mariana, distraída, caminhava lentamente, observando os reflexos da água que dançavam sob a luz amarelada dos postes. O ar trazia um cheiro fresco, de terra úmida e flores recém-abertas, como se o parque estivesse respirando junto com ela. A serenidade do lugar contrastava com a agitação interna que ela carregava desde que sentira o chamado de Maria Mulambo.

Foi ali, perto da ponte que atravessava o pequeno lago, que ela o viu pela primeira vez. Rafael estava sentado em um dos bancos de madeira, dedilhando um violão gasto pelo tempo, mas que, em suas mãos, soava como novo. Seu olhar estava perdido nas notas que tocava, mas havia uma intensidade nos movimentos que chamou a atenção de Mariana. Ela parou, a poucos metros de distância, sem conseguir desviar o olhar. A música parecia puxá-la para mais perto, como se aquelas cordas vibrantes soubessem algo que ela ainda não sabia.

Rafael, percebendo a presença dela, ergueu os olhos e sorriu de forma tímida, mas acolhedora. Mariana sentiu o rosto esquentar, como se estivesse sendo pega em flagrante. Ela deu um passo à frente, incerta do que dizer, mas ele tomou a dianteira.

— Você gosta de música? — perguntou ele, a voz suave, quase uma continuação das notas que ainda ecoavam no ar.

— Gosto... muito — respondeu Mariana, hesitante, mas sentindo-se à vontade. — O que você estava tocando?

— Só improvisando — disse Rafael, dando de ombros. — Às vezes, a melodia vem sozinha, sem esforço. É como se o violão soubesse o que eu quero dizer antes mesmo de eu pensar.

Mariana sorriu, sentando-se no banco ao lado dele, de forma quase instintiva. O silêncio entre eles não era desconfortável. Pelo